



O PROCESSO DE EMBELEZAMENTO NAS ENTRELINHAS DOS DISCURSOS PRODUZIDOS POR MANUAIS DE COMPORTAMENTO, NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960, NO BRASIL

CAMILA PARENTE DA COSTA*

Resumo: Esta pesquisa tem como principal objetivo problematizar os discursos produzidos por manuais de comportamento/guias que questionam, nas entrelinhas, as normas, estruturas e valores que visavam a controlar e delimitar o comportamento das mulheres, a partir da análise dos guias “Beleza e Personalidade por Verônica Dengel – O Livro Azul da Mulher” e de “Dicas e Conselhos Práticos para o Lar”, nas décadas de 1950 e 1960, na sociedade brasileira. Ressalta-se, simultaneamente, o intento em problematizar os diferentes sentidos conferidos ao ato de embelezar-se, aos cuidados de si e, também, os diferentes significados atribuídos às mulheres, tendo como parâmetro a adesão ou não aos processos de embelezamento.

Palavras-chave: Processo de embelezamento. Mulheres. Manual de comportamento.

As normas estabelecidas pela sociedade, em cada época, remetem ao corpo um código a ser seguido. Os discursos produzidos por manuais de comportamento, na década de 1950 e início de 1960 na sociedade brasileira, acerca do comportamento julgado como o mais apropriado para as mulheres, apontam que elas deveriam ser boas mães, esposas e donas de casa, para que fossem associadas ao modelo de mulher ideal.

Esses discursos estavam em consonância com o que era propagado pelo Estado, Igreja, medicina, anúncios publicitários, sociedade brasileira da época em relação ao que era entendido o ser mulher. De acordo com Pinsky (2014), no período entre o final da Segunda Guerra Mundial e o ano de 1964, o casamento de padrão tradicional vivenciou o seu apogeu.

* Mestranda em História pela Universidade Estadual do Ceará. Bolsista do Programa de Demanda Social/CAPES/UECE.

O ideal dominante no casamento de padrão tradicional entendia o homem como autoridade diante da esposa e filhos, como o provedor financeiro do lar, e a mulher como responsável pelas tarefas domésticas e o cuidado, físico e emocional, com a família e os familiares. Assim, a mulher deveria desempenhar bem as suas funções de esposa, mãe e dona de casa para que fosse associada a tal modelo. Além disso, ela também era avaliada socialmente a partir do parâmetro da procriação e da exclusividade sexual e da atenção conferida ao marido – o mesmo não era válido para o homem.

Constantemente, mesmo que em veículos de comunicação diferentes (tais como periódicos, manuais de comportamento, revistas) é lembrado como deve ser o comportamento feminino, o que as mulheres deveriam legitimar ou excluir de sua conduta, dos seus gestos, do seu corpo, da sua aparência. Destaca-se, assim, que não há uma naturalidade nos comportamentos associados, a priori, ao ser feminino.

Segundo Bourdieu (2014), o corpo percebido (no caso, o feminino) é determinado socialmente, posto que as experiências vivenciadas ao longo da vida das mulheres estão expostas e são alvos dos olhares e dos discursos, incessantes, da sociedade de cada época, da Igreja, do Estado etc.; e, além disso, tem-se a incorporação de certas condutas indicadas pelas estruturas sociais. A determinação do que o corpo deveria aparentar está inscrita, por exemplo, em situações corriqueiras do dia-a-dia: prescreve-se qual o tipo de roupa a dona de casa teria que escolher, quais os hábitos alimentares e de higiene ela teria que submeter-se, qual era a aparência mais indicada para mostrar-se aos outros.

Beleza e Personalidade por Verônica Dengel – O Livro Azul da Mulher, escrito por Verônica Dengel, é uma tradução e adaptação de Elza Marzullo (cujo título original norte-americano é “Personality Unlimited”), de 1956, publicado pela Edições O Cruzeiro, Rio de Janeiro; tem 475 páginas, divididas em 20 capítulos.

Infere-se que o manual de comportamento/guia tenha como público alvo mulheres pertencentes às classes alta e média. O livro propõe ajudar a melhorar a saúde, a beleza, a voz, a conduta e a aparência de suas leitoras, para que esses aspectos sejam

vistos como “pontos positivos” de sua “real” personalidade e sejam parte integrante de sua vida diária.

De acordo com informações encontradas no Prefácio d’ *O Livro Azul da Mulher*, a autora Verônica Dengel possuiu e dirigiu pessoalmente um salão de beleza em Nova York por cerca de quatro anos, depois o passou para uma organização, dirigindo-o por mais dois anos. Percorreu os Estados Unidos realizando conferências acerca dos temas Saúde, Beleza e Espírito. Segundo a autora, as pessoas têm que buscar meios de melhorar a si mesmo e atingir suas realizações, adaptando-se às virtudes necessárias.

O décimo quinto capítulo d’ *O Livro Azul da Mulher*, intitulado “Retocando o quadro”, inicia com um alerta: a leitora não poderia deixar de se esforçar para conseguir/manter o efeito agradável que deseja em relação a sua personalidade. Ela deveria permanecer atenta a todos os seus atos, a fim de se certificar que pareça, a todo o momento, impecável.

Precisarei lembrar à dona de casa que deve estar limpa, fresca e linda quando a família regressar ao lar? Os homens não gostam que as mulheres sejam desalinhadas e que vivam se queixando do trabalho que tiveram durante o dia. Mesmo as crianças notam o aspecto de suas mães, mais do que pensamos, portanto faça com que as recordações de infância de seus filhos, a seu respeito, sejam o que deseja que elas sejam. (DENGEL, 1956:393)

O ato de embelezar-se, consoante o trecho d’ *O Livro Azul da Mulher*, está para além de simplesmente mostrar-se com boa aparência às outras pessoas. A produção de sentido erigida em torno do processo de embelezamento o compreende como um fator importante para atrair e manter a atenção do marido e para construir boas recordações para os filhos. No caso, ele interfere, implícita ou explicitamente, no relacionamento da mulher com sua família; determina como ela seria percebida por eles no presente (“Os homens não gostam que as mulheres sejam desalinhadas e que vivam se queixando do trabalho que tiveram durante o dia.”) e no futuro (“Mesmo as crianças notam o aspecto de suas mães, mais do que pensamos, portanto faça com que as recordações de infância de seus filhos, a seu respeito, sejam o que deseja que elas sejam”). Infere-se, desse modo, que o destino da mulher é traçado de acordo com a

importância que ela confere aos cuidados de si. Como afirma Novaes, “A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher: ela pode ser bonita, deve ser bonita, do contrário não será totalmente mulher” (2013:85).

Notam-se os diferentes sentidos conferidos ao ato de embelezar-se e, também, os diferentes significados atribuídos às mulheres, tendo como parâmetro a adesão ou não aos processos de embelezamento. Questiona-se, assim, se o cuidado com a aparência do sexo feminino seria proposto em função da mulher e/ou em função dos outros membros da família. A construção de discursos sobre a produção da beleza interferiria até que ponto no cotidiano doméstico das mulheres e na sua relação com outros sujeitos?

Observa-se, no trecho citado, que a mulher deveria ser lembrada de um comportamento (manter-se com aparência impecável ao longo dia) julgado como o mais adequado e inerente ao ser feminino (“Precisarei lembrar à dona de casa que deve estar limpa, fresca e linda quando a família regressar ao lar?”). Questiona-se o porquê da necessidade em disseminar certos comportamentos entendidos, pela sociedade e pela imprensa, manuais de comportamento, como mais adequados. Ressalta-se, todavia, que a construção desse discurso – que é alvo de disputas, de conflitos de interesses – fazia parte de um ideal, nas décadas de 1950 e 1960, da sociedade brasileira; ele reafirmava posições de desigualdades e subordinação envolvendo as mulheres.

Percebe-se que a produção de sentido do discurso construído pelo *O Livro Azul da Mulher* buscava circunscrever as mulheres em um padrão de feminilidade, entendido como homogêneo para todas, no qual o casamento, família, afazeres domésticos e cuidados de si apareciam como o centro da vida da mulher – o que era disseminado, simultaneamente, pelo discurso oficial do Estado, pela Igreja, pela sociedade brasileira das décadas de 1950 e início de 1960.

Como indica Orlandi (1995), é interessante atentar para como o texto organiza o seu discurso. A análise do discurso tem que depreender que o processo de significação do discurso produzido pelo *O Livro Azul da Mulher* faz parte de um

contexto que abrange o posicionamento, que pode convergir ou divergir, de outros dispositivos, tal como a sociedade brasileira da época, a imprensa, a Igreja, o Estado; ou seja, não se encerra em si próprio, ele possibilita distintas e diversas leituras sobre a relação entre homens e mulheres, entre mulheres e mulheres, acerca do processo de embelezamento, dos estereótipos construídos sobre um modelo de mulher ideal, dos hábitos de higiene e alimentação de uma época, da inserção de produtos da indústria de bens e consumo no cotidiano das donas de casa, entre outros. Essas leituras podem ser realizadas, também, em outros manuais, em revistas, em periódicos, e auxiliam a pensar o processo de significação do discurso construído, no caso, a respeito dos sentidos conferidos ao ato de embelezar-se e, também, os diferentes significados atribuídos às mulheres, tendo como parâmetro a adesão ou não aos processos de embelezamento.

Desse modo, é interessante acentuar que o estudo acerca do embelezamento, dos cuidados de si, para além de destacar alterações na aparência dos indivíduos, confere vestígios sobre distintos momentos da vida, no caso, das mulheres – o que pode ser analisado a partir da problematização das produções de sentido erigidas em torno do ato de embelezar-se proposto para elas, no caso desta pesquisa, por manuais de comportamento.

O comportamento feminino ideal também engloba os cuidados de si, o processo de embelezamento, o alcance/conservação de uma boa aparência. Desse modo, ressalta-se que durante a década de 1950, no Brasil, os conselhos de beleza direcionados para as mulheres, relacionavam-se a aspectos como ser limpa, estar atenta aos lançamentos dos produtos de higiene e beleza. O manual de comportamento *Beleza e Personalidade por Verônica Dengel – O Livro Azul da Mulher*, de 1956, em seu sexto capítulo, intitulado “Logo depois, o asseio”, corrobora esse discurso ao afirmar a importância do banho diário, por questão de saúde e para o alcance do embelezamento.

De acordo com Mello (1998), na década de 1950, a instalação de setores da indústria com tecnologias mais avançadas proporcionou o surgimento/expansão de indústrias como da petroquímica, dos aparelhos eletrodomésticos, dos alimentos industrializados, e, também, dos produtos de higiene e limpeza pessoal e da esfera

doméstica; o que auxiliou a transformação dos hábitos de higiene de homens e mulheres, haja vista a difusão de produtos como shampoo, cotonete, fio dental, pasta de dente, escova de dente, absorvente, tintura para cabelo, secador de cabelo etc.

A partir da década de 1960, embelezar-se associava-se a luta contra o envelhecimento, a suposição de uma autorização para a mulher estar consigo mesma e cuidar do corpo – além da opinião masculina ainda apresentar forte valor no mencionado período, “[...] ainda não se sabia muito bem o que significava escutar o próprio corpo” (SANT’ANNA, 2014:112). Foi sendo introduzido um cuidado com o corpo e com a aparência, no qual a massa de cada indivíduo passou a ser “integrada à identidade de cada um”. “Era o começo da tentativa de casar a dieta com o prazer de comer” (SANT’ANNA, 2012:117). Os regimes alimentares passaram a adquirir grande importância nas dicas direcionadas às mulheres. Elas eram aconselhadas a se esforçar ao máximo para ter uma aparência jovem e magra.

De acordo com Lipovetsky (1997:134-135), a valorização de um corpo flexível, delgado e jovem encontra relação, entre outros pontos, com a promoção das atividades de praia e lazer, a desnudação dos corpos (*short, bikini*), as transformações da moda nos anos 1960, vestidos, calças, saias curtas relevando as pernas e as nádegas, peças de vestuário justas; além disso, há também o desenvolvimento dos métodos de contracepção e as motivações profissionais. Essas transformações auxiliaram a desqualificar as marcas da inércia e sedentarismo do corpo feminino.

Segundo Novaes (2013:23-24), a imagem de mulher se relaciona à beleza, à saúde e à juventude. Assim, “Beleza exterior e saúde, aparência exterior desagradável e doença cada vez mais se associam como sinônimos, no tocante às representações do corpo feminino”. O cuidado com o corpo e com a aparência, desse modo, aparece como fundamental para quem almeja atingir o objetivo de ser bela, saudável e jovem; requerendo a inclusão, no cotidiano, de regimes alimentares, exercícios físicos, a atenção especial para cabelos, unhas, pele, a aquisição de produtos da indústria de bens e consumo, a leitura de revistas, guias e periódicos:

Revistas especializadas [periódicos, manuais de comportamento], de saúde a moda, nos ensinam qual corpo [e aparência] devemos ter e desejar, e como

atingir esse ideal e “utilizá-lo” de forma mais eficaz. O corpo, assim visto, passou então a ser o passaporte para a felicidade, bem-estar e realização pessoal. (NOVAES, 2013:26)

Verônica Dengel, ao comentar no prefácio d’ *O Livro Azul da Mulher* que “Possuindo saúde, a beleza é uma consequência natural, e os outros predicados de que a pessoa necessita são mais fáceis de ser adquiridos” (DENGEL, 1956:9), determina quais são as expectativas que suas leitoras teriam que ter de si próprias. O ideal feminino apresentado pelo *O Livro Azul da Mulher* associa-se ao sucesso, importância, atração e encanto. Esses são os atributos expostos como os mais almejados por todas. Se elas conseguissem alcançá-los, seriam felicitadas por sua boa aparência e obteriam uma posição melhor no emprego. A autora prescreve conselhos sutis de como adequar o corpo e comportamento de modo a fazer com que a mulher tivesse uma conduta pessoal condizente com o que era considerado socialmente mais apropriado para as mulheres da época; mesmo que expusesse, em seus escritos, o direito ao livre-arbítrio para a mulher ser quem ela desejasse ser. No vigésimo capítulo, intitulado “A soma total é você”, entretanto, há a explicação sobre o que significa ser você mesma:

“Seja você mesma” é uma advertência que temos lido e ouvido muitas vezes. Mas, em alguns sentidos, é um mau conselho. Por quê? Porque ser você mesma pode impedir que melhore e, por certo, êsse não é o seu desejo ou projeto. Prefiro que “seja o melhor que saiba ficar” – o melhor que possa. (DENGEL, 1956: 463)

Infere-se que, ao contrário do livre-arbítrio disseminado por Verônica Dengel para suas leitoras, “Seja você mesma” significa controle a si própria, adapte-se as expectativas do olhar do outro. Por que dizer para uma mulher que ela pode ser quem ela é, pode ser compreendido como um mau conselho? Por que a mulher tem que modificar o seu modo de ser? Nota-se, então, que os conselhos propagados pela autora circunscreviam, ainda mais, as leitoras ao modelo de mulher ideal, remetiam ao controle do corpo sob vertente física e mental.

A autora d’ *O Livro Azul da Mulher* reforça os valores vigentes ao associar o bom desempenho da mulher à aparência mostrada ao longo da jornada de trabalho e ao reiterar que ela poderia abandonar o trabalho em decorrência do matrimônio, bem como isentar o homem da responsabilidade por seu comportamento. Apesar de

considerar que ela pudesse vir a ter um alto cargo na empresa, o que é exortado ao longo do guia é a beleza em detrimento do esforço da mulher para conquistar o seu espaço em âmbito público.

Verônica Dengel ressalta ainda que a leitora não precisaria ter um motivo certo para começar a transformação de seu modo de ser e não importava saber a razão de querer melhorar a si mesma, visto que todo motivo seria uma boa justificativa:

No trabalho que realizei com milhares de mulheres, encontrei todos os motivos possíveis [para começar a transformação]: conservar um marido; às vezes, protegê-lo contra interesses exteriores; persuadir um rapaz de que aquela era “a moça dos seus sonhos”; ter melhor aparência; melhorar a saúde; saber como se vestir de acôrdo com o tipo; obter sucesso no mundo dos negócios; tornar-se mais preeminente no seu meio social ou na sua comunidade. (DENGEL, 1956:24)

Por que não precisa haver um motivo específico para a mulher desejar transformar a si mesma? Por que é colocada a necessidade de haver a transformação da personalidade da mulher, do seu jeito de ser? Por que há a necessidade de se adquirir determinados predicados? Percebe-se que as justificativas expostas por Verônica Dengel para modificar o comportamento das mulheres envolvem a opinião masculina e da sociedade da época. Percebe-se que o processo de embelezamento, como valor social, sendo produzido e transformando os discursos acerca do cotidiano doméstico da dona de casa. Infere-se que ela tenha que embelezar-se para mostrar-se bonita para o homem, para ser notada pela sociedade. O ato de embelezar-se para si, conforme suas próprias expectativas, seria permitido às mulheres?

BELEZA E PERSONALIDADE é um guia prático da saúde e beleza para melhorar a personalidade. Com direções detalhadas e claramente marcadas, o livro ensinará o que se deve fazer e como fazê-lo. Além disso, indica exatamente que resultados para seus próprios melhoramentos os leitores podem esperar. (DENGEL, 1956:10).

Supõe-se, a partir da leitura do fragmento acima, que tudo o que a leitora teria que fazer era ler atentamente o livro e seguir as suas prescrições. Assim, ela adquiriria os predicados necessários para tornar-se uma mulher admirável. Mas, tornar-se uma mulher admirável para quem? Por que é necessário o auxílio de Verônica Dengel para que a mulher não almejasse ser outra pessoa, a não ser ela própria?

Nota-se, por intermédio da leitura dos trechos d' *O Livro Azul da Mulher*, que o referido manual de comportamento propõe, para as suas leitoras, a possibilidade de ser reconhecida pela sociedade de sua época como uma mulher encantadora, admirável, atraente e de sucesso. Por meio da adoção, no dia a dia, das recomendações do guia, as mulheres poderiam se transformar a fim de melhorarem a si mesmas. Não era preciso questionar, mas sim, seguir pontualmente as prescrições de Verônica Dengel. Mais uma vez, entretanto, é pertinente interrogar: tornar-se admirável para quem? Por que há a necessidade de adquirir certos predicados? Certeau (1994) comenta que:

Como a lei é já aplicada com e sobre os corpos, “encarnados” em práticas físicas, ela pode com isso ganhar credibilidade e fazer crer que está falando em nome do “real”. [...] Acredita-se então naquilo que se supõe real, mas este “real” é atribuído ao discurso por uma crença que lhe dá um corpo sobre o qual recai o peso da lei. (P. 241)

É válido salientar, todavia, que, apesar de haver prescrições de comportamentos considerados mais adequados para as mulheres na imprensa e em guias, é possível visualizar, nas entrelinhas dos mesmos espaços em que tais comportamentos são sugeridos, indicações de que nem todas as mulheres os seguiam. Analisar os manuais de comportamento contribui, entre outros pontos, para que se possa problematizar as motivações que os levaram a propagar certos conselhos – que se pretendiam corretos a serem seguidos – ao público feminino, como a necessidade de estar com a aparência impecável durante todos os momentos do dia e da noite. O cuidado com a aparência estaria relacionado ao bem-estar da própria mulher? Ou teria outras intenções?

De acordo com Gonçalves (2006:110), “a utilização dessa fonte [manuais de comportamento] [...] requer que não se tome o discurso como norma, equívoco presente em várias obras que lançaram mão desse tipo de documentação”. É preciso atentar para aspectos como os comportamentos alternativos, visto que, entre a indicação de comportamentos e o seu efetivo cumprimento, há distintos posicionamentos em relação ao que é proposto.

Para tanto, é interessante atentar para as considerações de Chartier (2002) acerca da leitura. O autor aponta que a leitura não apresenta um significado único e universal para todos os leitores. Fatores como faixa etária, finalidade e expectativas depositadas no texto auxiliam a modificar o sentido que a leitura possa vir a ter; além disso, diferentes experiências de vida também interferem nesse processo. As relações erigidas em torno de um mesmo texto (autor e texto, leitor e texto, autor e autor, leitor e leitor, autor e mundo, leitor e mundo, autor e editora etc.) são indicativos da pluralidade das posturas que podem ser adotadas mediante a leitura.

Salienta-se, concomitantemente, a importância de observar as formas de se escrever com prescrições para a mulher. Gonçalves (2006) aponta que há, em manuais de comportamento, persistência em naturalizar diferenças entre o sexo feminino e masculino. Ademais, nota-se, também, a existência de um esboço negativo feito em torno de mulheres que não seguiam as normas estabelecidas pelos manuais, o que indica, segundo os conceitos dos próprios guias, quais mulheres eram tidas como exemplo e quais não. Desse modo, problematizar as formas de escrita dos manuais auxilia a compreensão de como foram sendo constituídos os modelos de mulheres e as relações entre homens e mulheres. Segundo Duarte (2005):

O estudo de comportamentos diferenciados se faz tão ou mais necessário que o estudo dos comportamentos e personalidades-padrões, uma vez que os indivíduos rebeldes, embora carreguem consigo características e recursos que os destacam dentre a maioria, correspondem, em sua forma de atuar, a necessidades históricas dessa maioria ou daqueles que detêm o poder em determinada sociedade. (P. 62-63)

Dicas e Conselhos Práticos para o Lar é uma coleção composta por três volumes, em formato de livro de bolso, com média de 80 páginas cada, que trata de assuntos como cuidados de si, maternidade, matrimônio, primeiros socorros, alimentação, afazeres domésticos. O guia se propunha a aconselhar as mulheres em questões corriqueiras do dia a dia, indicando a melhor maneira de resolver situações como: o que fazer para não deixar o dia monótono? Qual a importância em variar o cardápio das refeições? Por que a aparência pessoal é tão importante? Como dividir os afazeres domésticos entre os membros da família? Por que é importante adquirir produtos da indústria de bens e consumo?

Não consta, nos três volumes da coleção de *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar*, informações acerca do ano da publicação do referido manual nem quem é o(a) autor(a). Pesquisas realizadas até este momento da escrita também não identificaram tais informações. Supõe-se que sua circulação não era restrita à cidade do Rio de Janeiro/RJ – sede da Editora Renovada Livros Culturais Ltda., responsável pela publicação do guia –, uma vez que há referências, no decorrer dos capítulos, à cidade de São Paulo/SP e que foi possível encontrar quantidade considerável da coleção à venda em um sebo localizado no bairro Centro, da cidade de Fortaleza/CE.

A análise do discurso de *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar*, ao longo dos três volumes, permite supor que ele seja do início da década de 1960.

O fechamento estrutural do texto está em relação com um exterior. A historicidade, para nós [analistas do discurso], é justamente o acontecimento do texto enquanto discurso, o trabalho dos sentidos nele. Daí definirmos discurso como efeito de sentidos entre locutores. (ORLANDI, 1996:31)

A interpretação constituída a partir da análise do discurso supõe que o processo de significação produzido pelo manual de comportamento está em consonância com os discursos construídos, no início da década de 1960, no Brasil, pela imprensa, Estado, medicina. Exemplo disso é o capítulo “Donas-de-casa Atualizadas”, do segundo volume, que exalta a importância de estudar para ser dona de casa e da incorporação dos produtos da indústria de bens e consumo ao cotidiano doméstico. O estudo, no caso, refere-se à Economia Doméstica, para que a leitora pudesse aprender a organizar bem o seu tempo ao longo do dia a fim de completar todas as suas atividades, sem prejuízo de nenhuma; e para que soubesse organizar o orçamento doméstico da família.

O capítulo “Estudar para dona-de-casa”, do 1º volume de *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar*, discorre acerca da importância do estudo de Economia Doméstica para a mulher, com o intuito de deixá-la mais bem preparada para resolver os problemas que porventura surgissem no espaço doméstico. Apesar de apontar a importância de tal estudo, que deveria ser realizado anteriormente ao casamento da moça, ressalta-se que é preciso que ela “Conserve-se atraente para o marido, mesmo às voltas com panelas e cebolas” (DICAS E CONSELHOS PRÁTICOS PARA O LAR, vol.1, s/d:37).

Visando a enfatizar a necessidade de a leitora saber executar bem os afazeres domésticos e a responsabilidade da mãe em ensinar para sua filha como ser uma boa dona de casa, é exposto o exemplo da Vevinha – uma moça que quase teve o seu casamento prejudicado “por culpa” da mãe.

Ela [Vevinha] ficou noiva sem nunca ter se preocupado em conhecer os detalhes da vida doméstica. Sempre evitou “esses assuntos”, por culpa da mãe, que é daquele tipo descuidado com a sua I.A.P [Importância da Aparência Pessoal].

Assim a garota nunca sentiu a menor atração pelos “horrosos” trabalhos de casa, e deles se conservou à distância, vendo as canseiras e atropelos em que sua mãe se debatia. (DICAS E CONSELHOS PRÁTICOS PARA O LAR, vol. 1, s/d:38)

O trecho acima afirma que o fato da mãe de Vevinha não manter uma boa aparência durante a execução dos afazeres domésticos produziu na filha uma recusa à ideia de ser dona de casa. Como não havia sido educada para exercer essa função, Vevinha tinha planejado morar, após o matrimônio, no mesmo prédio da mãe, para que ela pudesse tomar conta das atividades cotidianas do lar dos recém-casados. Pancrácio, noivo de Vevinha, entretanto, recebeu, às vésperas do casamento, uma oferta de transferência, em seu emprego, para Brasília, a qual aceitou de imediato. Quem ficou com a imagem mais prejudicada, de acordo com o guia, ao longo desse acontecimento, foi a mãe de Vevinha, que se desesperou ao constatar que a filha não sabia como cuidar de um lar.

Infere-se que o exemplo da mãe de Vevinha é exposto como aquele que não devia ser seguido – é um comportamento que não acrescentava qualidades positivas às mulheres; pelo contrário, produzia desespero. Percebe-se, simultaneamente, que o cuidado com a aparência é apresentado como fundamental para a manutenção da harmonia de uma família já constituída (mãe de Vevinha e ela própria: no sentido em que a mãe passa para a filha os seus conhecimentos acerca de como ser uma boa de casa, preparando-a para administrar bem o seu lar; e a filha, ao ver a mãe bem arrumada e feliz ao executar os afazeres domésticos, almeja seguir os passos dela) e de uma família que irá se constituir (Pancrácio e Vevinha: após o casamento, é importante que a

mesma, além de saber como administrar a esfera doméstica, mantenha uma boa aparência a fim de conservar o seu casamento).

O oitavo capítulo d' *O Livro Azul da Mulher*, intitulado “Um bom <<make-up>>”, discorre sobre a maquiagem: sua importância, o processo de aplicação, o avanço da indústria dos cosméticos, além das dicas de como corrigir possíveis imperfeições do rosto e sugestões de penteados, bem como o passo a passo de como tirar os pelos excessivos das sobrancelhas.

É interessante observar que Verônica Dengel ressalta, no capítulo, a mudança de significado, ao longo do tempo, em torno do ato de usar maquiagem, e também o fato de que ela expõe para suas leitoras que, mesmo que a maquiagem fosse entendida como um sinal de reputação duvidosa, existiam mulheres que se maquiavam. Mesmo com a existência de orientação contrária ao uso da maquiagem, havia mulheres que encontravam uma maneira de contornar essa situação e embelezavam o rosto com pinturas:

*Quando eu era criança, poucas mulheres usavam **make-up**; isto é, até o ponto em que era notado. As faces rosadas, a boca vermelha, o nariz branco de pó haviam sido tanto tempo um sinal de reputação duvidosa, que as mulheres distintas tinham receio de ser malvistas. Mas, a portas fechadas, elas punham uma pitadinha de **rouge** sêco nas faces e logo o esfregavam, retirando-o – bem, quase todo... E, quando uma mancha de pó era visível, logo elas notavam:*

- Um pouquinho de talco porque meu nariz está muito brilhante! (DENDEL, 1956:165-166)

Percebe-se, nesse sentido, que embora a autora propague, nas páginas do seu livro, um tipo de comportamento para a mulher: aquele em que a leitora teria que ter tempo para cuidar da sua aparência sem descuidar de suas funções de mãe, esposa e dona de casa; é exposto, também, que existia a possibilidade de as mulheres apresentarem comportamentos alternativos ao que é proposto pelo *O Livro Azul da Mulher*, pela sociedade ou por outros meios (“[...] a portas fechadas, elas punham uma pitadinha de **rouge** sêco nas faces [...]”); mostra-se a modificação de costume de uma época para outra (“Quando eu era criança, poucas mulheres usavam **make-up** [...]”), as

mudanças e permanências em torno do ato de embelezar-se e das expectativas em torno da conduta feminina.

Tem-se a veiculação, por parte dos manuais de comportamento e ratificado pelos discursos do Estado, medicina, Igreja, literatura, de dicas e conselhos práticos sobre como representar um modelo de feminilidade. Nesse sentido, é interessante destacar a afirmação de Butler (2012) sobre a importância de não se presumir a existência de uma identidade específica que signifique o que é ser mulher, uma vez que não se pode pensar que há uma representação verdadeira a respeito das mulheres.

O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes. É significativa a quantidade de material ensaístico que não só questiona a viabilidade do “sujeito” como candidato último à representação, ou mesmo à libertação, como indica que é muito pequena, afinal, a concordância quanto ao que constitui ou deveria constituir, a categoria das mulheres. (BUTLER, 2012:18)

Percebe-se, desse modo, a construção de um ser feminino, a partir do discurso d’ *O Livro Azul da Mulher* e de *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar*, que tem como base a prática da exclusão ou da legitimação de comportamentos julgados como os mais apropriados para as mulheres. Com a definição do que pode e do que não pode, tem-se a delimitação do que é ser mulher, de acordo com o manual, o que implica a naturalização de condutas ao mesmo tempo em que oculta os traços, as atitudes que, supostamente, fogem do padrão da feminilidade.

Consoante Butler (2012:186), “[...] o corpo é apresentado como superfície e cenário de uma inscrição cultural [...]”. A mulher que quisesse ser feminina teria que se adequar a um determinado corpo e comportamento, pois eram eles que forneceriam indícios sobre sua vida pública e privada. Percebe-se, assim, a importância em problematizar as formas de se escrever com prescrições para as mulheres, visto que os manuais de comportamento buscavam inserir, no cotidiano feminino, certos comportamentos, gestos e hábitos, entendidos, por eles, como intrínsecos ao ser feminino. É válido ressaltar que esse ser feminino é histórico, é localizado, ele faz sentido em um determinado momento e contexto histórico.

Os manuais de instrução femininos [...] tratavam de assuntos e valores correspondentes aos interesses desse grupo social [classe média e alta]. A imagem da mulher veiculada por esses manuais trazia o modelo de perfeição que, em conformidade com o imaginário da época, obedecia às normas sociais pensadas para o feminino, segundo as quais a felicidade estava centrada na realização das tarefas consideradas próprias do gênero, como a maternidade, o casamento e o lar. (TOMÉ, 2013: 133)

Desta forma, percebe-se, após a leitura do caso de Vevinha mostrado por *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar* e da abordagem feita por Verônica Dengel sobre o ato de usar maquiagem, que apesar de haver um esforço, empreendido pela sociedade brasileiras das décadas de 1950 e 1960 e por veículos de comunicação e manuais de comportamento, para disciplinar a conduta feminina, nas entrelinhas desses discursos é possível visualizar o questionamento das normas, estruturas e valores que visavam a controlar e delimitar o pensamento e o comportamento das mulheres.

Fontes

DENGEL, Verônica. **Beleza e Personalidade por Verônica Dengel** – O Livro Azul da Mulher. Tradução e adaptação Elza Marzullo. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1956.

DICAS E CONSELHOS PRÁTICOS PARA O LAR. Volume 1; Rio de Janeiro: Renovada Livros Culturais Ltda., s/d.

_____. Volume 2; Rio de Janeiro: Renovada Livros Culturais Ltda., s/d.

_____. Volume 3; Rio de Janeiro: Renovada Livros Culturais Ltda., s/d.

Referências

BASSANEZI, Carla Beozzo. **Virando as páginas, revendo as mulheres:** revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** [Tradução: Maria Helena Kühner] 1ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BUTTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. [Tradução: Renato Aguiar]. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. [Tradução de Maria Manuela Galhardo]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 2002.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Carmen da Silva**: o feminismo na imprensa brasileira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher. Permanência e revolução do feminino**. [Tradução: Maria João Batalha Reis] Instituto Piaget, 1997.

MELLO, João Manuel de Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOVAES, Joana de Vilhena. **O intolerável peso da feiúra**: sobre as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Texto e Discurso. **Oragon**. v. 9, n. 23, 1995.

_____. **Exterioridade e Ideologia**. Cad. Est. Ling., Campinas, (30):27-33, Jan./Jun. 1996.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. "Sempre Bela". In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.